

Leitura de Imagens

Mas qualquer imagem pode ser lida? Ou, pelo menos, podemos criar uma leitura para qualquer imagem? E, se for assim, toda imagem encerra uma cifra simplesmente porque ela parece a nós, seus espectadores, um sistema autossuficiente de signos e regras? Qualquer imagem admite tradução em uma linguagem compreensível, revelando ao espectador aquilo que podemos chamar de Narrativa da imagem, com N maiúsculo?

Alberto Manguel. *Lendo Imagens*.

Foi com o desafio de refletir sobre estas questões tão bem colocadas por Alberto Manguel no capítulo “O espectador comum: a imagem como narrativa”, de seu livro *Lendo Imagens* (São Paulo: Companhia das Letras, 2001), que os autores deste novo número da *Intersemiose*: revista digital atenderam à nossa convocação e nos enviaram seus trabalhos. A relação da literatura com as artes plásticas tem sido um dos principais alvos da pesquisa interdisciplinar em nosso Núcleo de Estudos de Literatura e Intersemiose (NELI/CNPq), acompanhando a tendência de um mundo cada vez mais virtual, onde a imagem passa a ser reconhecida como um texto entre tantos outros. Esta sabedoria, que parece recente, tem, na verdade, uma longa história, que se imiscui com a história da poesia e da pintura e das reflexões sobre as duas artes. Em sua vasta tradição, o tópico tem seu *locus* privilegiado na *Arte Poética* de Horácio: *Ut Pictura Poesis*, expressão que ganhou força de lei na sua *Epístola aos Pisões*, recebendo sua mais forte formulação na famosa frase de Simônides de Ceos, registrada por Plutarco: “A pintura é poesia muda e a poesia é pintura eloquente”.

Deve-se a Lessing, em seu tratado *Laokoon, ou dos limites da pintura e da poesia*, de 1766, o deslocamento da discussão do *Paragone* ou disputa pela hegemonia entre as artes ditas “irmãs” para o plano mais especulativo e filosófico das relações espaciais e temporais na representação artística, que nova dimensão conferiu ao problema, antecipando aspectos que se tornariam problemáticos na era da imagem em movimento, com o advento do cinema e da internet. Na Idade Média, um único painel pintado

poderia representar uma sequência narrativa completa, incorporando o fluxo do tempo nos limites de um quadro, como ocorre nas modernas histórias em quadrinhos. No Renascimento, os quadros se imobilizaram num instante único, o momento da visão como é percebido do ponto de vista do espectador, antecipando o instantâneo fotográfico, que traria em seu bojo a possibilidade surpreendente de repetir mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente, como diria Roland Barthes: “a fotografia sempre traz consigo seu referente, ambos atingidos pela mesma imobilidade amorosa ou fúnebre, no âmago do mundo em movimento”.

Na modernidade, porém, mergulhados num acúmulo de discursos: informações proporcionadas pelos museus e galerias, livros de arte e de história da arte, legendas de quadros e catálogos de exposições, percebemos que o que vemos não é nem a pintura em seu estado fixo, nem a obra de arte aprisionada nas coordenadas culturais estabelecidas como seus guias, mas a pintura traduzida nos termos da nossa própria experiência. Ler imagens, como afirma Manguel, é conferir ao objeto plástico “uma vida infinita e inesgotável”, feita dos “ecos de outras narrativas, do conhecimento técnico e histórico, da fofoca e dos devaneios, dos preconceitos e da iluminação, dos escrúpulos e da ingenuidade, da compaixão e do engenho”.

Os ensaios aqui reunidos oferecem um amplo e rico painel das possibilidades que se abrem ao estudioso das Letras quando se depara com o desafio da leitura de imagens. Gostaríamos de assinalar, desde já, a importante colaboração que nos enviou a professora doutora Kelly Benoudis Basilio, coordenadora do Projecto Sinestesia do Grupo THELEME, do Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Portugal, que co-orientou, em estágio no exterior em 2013, a pesquisa da doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, Michelle Valois, intitulada “Cantiga de se abrir os olhos: intersemiose, poesia e epifania em Guimarães Rosa”. Em seu artigo intitulado “Caligrama e Cubismo. *Alcools*, de Apollinaire”, a professora Kelly Basilio nos mostra como, em *Alcools*, de Guillaume Apollinaire – desde a escolha do título da obra até a distribuição dos poemas, passando pela sintaxe e pela apresentação do tempo, do espaço e do eu –, a estrutura se afirma arte gráfica, caligrama plasmado no estilhamento, na colagem, na vertigem da estética cubista.

Michelle Valois também nos enviou o texto “Gênese, paixão e inferno do homem-rato: uma *ekphrasis* de *Angústia*, de Graciliano Ramos”, que remete, segundo a autora, a um quadro “que não existe”. Um quadro que é engenhosamente “pintado” através

do discurso crítico, da interpretação proposta para a obra de Graciliano Ramos em questão. Ousada, a leitura concebe o romance como um tríptico, dividido em “volante esquerdo, painel central e volante direito”, no qual se vislumbra uma cronologia narrativa sobre a sequência de três grandes temas na iconografia cristã, ao lado de uma reflexão metalinguística sobre a composição da obra: “ostentando a própria feitura, o signo refletindo sobre o significar, encontramos-nos no domínio por excelência da *ekphrasis*”.

A revista elenca ainda análises sobre a fotografia, a pintura, a literatura em quadrinhos, e o cinema e/ou montagem narrativa de obras experimentais. Sobre a fotografia, publicamos quatro ensaios: 1. “A verdade da criação fotográfica: Walker Evans e a invenção da Grande Depressão”, por Rafaela Cruz, que comenta sobre o papel da criação subjetiva nos documentos fotográficos; no caso, as imagens que resultaram da viagem de Walker Evans – fotógrafo contratado pelo Ministério da Fazenda e pela New York Magazine nos anos 1940 – com o seu amigo e escritor James Agee, reunidas no livro *Let us now praise famous men*; 2. “*Freaks*: o teatro do absurdo nas fotografias de Diane Arbus”, por Carlos André Rodrigues de Carvalho, cujo objetivo é aproximar o trabalho da fotógrafa nova-iorquina Diane Arbus ao teatro do absurdo, a partir da fria exposição de diferenças físicas que fogem aos padrões socialmente estabelecidos, e que levam à marginalização do ser humano; 3. “Sobre livros e leitura na fotografia de Joel Robison”, por José Jacinto dos Santos Filho, que mostra como, na obra em questão, o ato fotográfico elabora um emocionado depoimento sobre a relação pessoal do artista com o livro e a literatura; e 4. “O puro ícone fotográfico: a técnica de *light painting* e seus desdobramentos na revelação de uma realidade fotográfica”, por Felipe José Mendonça Ferreira, que busca explorar um pouco esta técnica, seu uso e desenvolvimento na história da fotografia, e seus desdobramentos na atualidade.

Em pintura, comparecem as seguintes reflexões: 1. de Ângela Maranhão Gandier, “Lendo imagens: vanitas e alegorias da morte em *O Mez da Grippe*, de Valêncio Xavier”, que discute como a estrutura híbrida da narrativa resulta da mescla de matérias jornalísticas, relatórios oficiais, fotografias e imagens de variados feitios e procedências, convocados de modo a reproduzir a atmosfera abafada e opressiva de uma epidemia que assolou a cidade de Curitiba em 1918, através dos emblemas e alegorias da morte dispersos na narrativa; 2. de Fernando Oliveira Santana Júnior, “O hebraico como palavrimagem em algumas obras de Lasar Segall no contexto da revisão da crítica segalliana sobre o judaísmo e a arte”, que faz uma necessária revisão

de um dito passivamente reproduzido pelos pesquisadores da obra segalliana (e mesmo pelo próprio Segall) segundo o qual “o Judaísmo e a Torá são contra as representações humanas na arte pictórica”; 3. de Érica Bandeira de Albuquerque, “Manoel e Martha Barros: a linguagem da inocência”, que pretende investigar a relação do escritor Manoel de Barros com a artista plástica Martha Barros, sua filha, na produção das ilustrações de uma de suas obras conjuntas, voltadas para as crianças: o *Poeminha em língua de brincar*; 4. de Wanessa Rayzza Loyo, “Composição à vista de um quadro: um olhar intersemiótico sobre as redes da criação de Ignácio de Loyola Brandão”, que pesquisa um caso representativo das produções interartes através da análise do conto *Composição à vista de um quadro*, de Ignácio de Loyola Brandão – incluído na coletânea *Histórias de quadros e leitores*, organizada por Marisa Lajolo –; narrativa que dialoga não apenas com a pintura de Ismael Nery, ao convocar elementos oníricos do surrealismo, mas também com a música, ao mencionar, em seu enredo, a cantora alemã Caterina Valente; e 5. da poeta Patrícia Tenório, “*O retrato de Dorian Gray*: a luta entre o bem e o mal no romance de Oscar Wilde e na pintura de Ivan Le Lorraine Albright”, que busca comparar a elaboração do fantástico quadro, levada a cabo no famoso romance do irlandês, à leitura pictórica do texto pelo artista americano, evocando questões éticas e estéticas relativas a estas composições.

Sobre o tópico “Quadrinhos”, publicamos os seguintes artigos: 1. “Projeto editorial e concepção visual nas capas de *Sandman*: um estudo de caso em *Prelúdios e Noturnos*”, por Amaro Xavier Braga Jr., que analisa, a partir de elementos de sintaxe visual, o processo de editoração das capas deste que foi o primeiro arco da série em quadrinhos *Sandman*, buscando estabelecer uma taxionomia do processo criativo na concepção das capas neste gênero de narrativa; 2. “Joe Sacco: a Palestina em quadrinhos”, por Joane Leôncio de Sá, que faz uma leitura das imagens da novela gráfica *Palestina: na Faixa de Gaza*, destacando a singular produção jornalística do gravurista Joe Sacco, adquirida através de suas próprias vivências em territórios de conflito através do mundo; 3. “A montagem em *O Mez da Grippe*, de Valêncio Xavier, por Lielson Zeni, que se vale das Teorias da Recepção e das ideias de Sergei Eisenstein sobre montagem e justaposição no cinema para a realização de sua análise; 4. “A novela gráfica como releitura do *Bildungsroman*: emancipação da imagem, do feminino e da infância no texto em quadrinhos”, pela professora doutora Ermelinda Maria Araújo Ferreira, que tece considerações sobre o gênero do romance de formação em sua mais rara versão *feminina*, e sob o formato da novela gráfica sequencial, frequentemente autoral (texto e desenho) e não raro autobiográfica, e de como esta produção comparece com uma

crítica libertária da expressão do feminino nas artes; e 5. “(Des)ilusão mimética e a eterna fratura da banda desenhada: considerações sobre mise-em-scène e mise-em-oeuvre em plataformas semióticas”, que busca investigar o diálogo entre intenção e ilusão semióticas através de autores como Jean-Pierre Bobillot, Walter Benjamin e David Olson.

Incluimos, ainda, dois artigos sobre obras intersemióticas desafiadoras: a transposição para o cinema do texto da peça emblemática de Samuel Beckett, *Esperando Godot*, em texto de José Juvino da Silva Júnior, e o *roman à clef* gravado e ilustrado por Andy Warhol em 1968, analisado no texto de Vinícius Gomes Pascal.

Desejamos a todos uma boa leitura.

Ermelinda Maria Araújo Ferreira (UFPE/CNPq)

Maria do Carmo Nino (UFPE)